

# UMA TEOLOGIA [DES]VIADA AMAZÔNICA? CORPOS DESVIANTES E SUAS INTERLOCUÇÕES COM OS ESPAÇOS DE RELIGIOSIDADE CRISTÃ EM RONDÔNIA

---

*Data de aceite: 28/03/2023*

Artigo anteriormente submetido ao 45º Encontro da ANPOCS, publicado nos anais do encontro.

**Wilson Guilherme Dias Pereira**  
(Universidade Federal de Rondônia)

**RESUMO:** A presente pesquisa, se situa no contexto da Amazônia sul ocidental, no estado de Rondônia, região com maior índice proporcional de indivíduos cristãos do Brasil, sendo assim, as investigações feitas objetivam compreender como se dá as inter-relações entre os espaços de fé cristã e as pessoas LGBTQIAP+ nesse território, construindo a partir dessas relações novas perspectivas teológicas atravessadas pelas epistemologias queers, contextualizadas a partir das vivências amazônicas. O artigo é construído a partir do posicionamento epistemológico do pesquisador, de modo a evitar a construção de um distanciamento entre pesquisa-sujeitos da pesquisa-pesquisador, para tal, adotou-se os procedimentos metodológicos de entrevista semiestruturada, autoetnografia e a revisão bibliográfica e documental. De modo ainda preliminar, podemos verificar

o potencial de construção teológica que os corpos LGBTQIAP+ amazônicos possuem, e a necessidade de construções epistemopolíticas e teológicas que posicionem esses corpos em outro espaço, que não seja o de vergonha e erro.

**PALAVRAS-CHAVE:** LGBTQIAP+. Teologia. Queer. Amazônia. Armário.

## 1 | INTRODUÇÃO

Os dados do último censo do IBGE (2010), nos mostra que Rondônia ocupa a primeira posição entre os estados mais religiosos. Desde 2010, quando esses dados foram produzidos, podemos inferir que, com os avanços do conservadorismo religioso no cenário nacional, houve não apenas a manutenção dessa proporcionalidade, mas, também, uma radicalização em termos de discursos e práticas.

Nesse contexto, é desafiador falar sobre corpos dissidentes de gêneros e sexualidades sem uma influência contínua das religiosidades em sua formação, assim

como da estruturação dessas entidades de fé, sem a mão de obra e o antagonismo desses corpos. Logo, a questão central desta pesquisa, é a investigação e compreensão em relação a quanto da formação das igrejas rondonienses está atravessada pela relação com a comunidade LGBTQIAP+ local e qual a relação entre a formação desses sujeitos ditos “desviantes” e a consolidação desses centros de fé, em um processo de mútua construção e desestruturação, onde o Outro é desmontado e o Ser é constituído.

A pesquisa está centrada nos enlaces dos discursos e práticas teológicas em Rondônia, com corpos múltiplos e não heterocis-centrados. Para tanto, usou-se da revisão bibliográfica e documental, além da autoetnografia, unida a entrevistas, com pessoas LGBTQIAP+ no estado, para compreender o que esses sujeitos historicamente silenciados têm a dizer sobre seus corpos, sua fé e principalmente sobre os espaços institucionais de fé cristã do Estado de Rondônia.

As entrevistas até o momento deste artigo foram realizadas com 7 pessoas, sendo elas 3 gays - cisgêneros, 1 bicha<sup>1</sup> - cisgênero, 2 lésbicas - cisgênero, 1 mulher bissexual cisgênero, a pesquisa ainda demonstra certa limitação pela ausência de pessoas Trans e Travestis, que pode ser resultado das limitações de acesso do pesquisador ou do não interesse desses sujeitos em dialogar sobre o tema, uma vez que as igrejas são as grandes responsáveis por vários dos problemas vividos pela população LGBTQIAP+ no estado de Rondônia, como é inclusive apontado por um dos participantes.

Participante A	Homem	Cisgênero	Gay	Católico (infância) Neopentecostal (atualmente)
Participante B	Homem	Cisgênero	Gay	Católico (infância / adolescência) Anglicano (atualmente)
Participante C	Homem	Cisgênero	Bicha	Neopentecostal (infância/ adolescência)
Participante D	Mulher	Cisgênero	Lésbica	Católica (infância / adolescência)
Participante E	Mulher	Cisgênero	Bissexual	Católica (primeira infância) / Metodismo (infância/ adolescência)
Participante F	Mulher	Cisgênero	Lésbica	Católica (infância / adolescência)

1. A diferença entre a gay e a bicha é explicitada pelo participante, como um conceito sexual e político, para tanto, estão em categoriais sociais distintas.

Participante G	Homem	Cisgênero	Gay	Protestante (infância / adolescência)
----------------	-------	-----------	-----	---

Tabela 1- perfil dos participantes

O objetivo é buscar, mesmo que de forma preliminar, vislumbrar os significados relacionais da interação entre religiosidade, fé e dissidências na Amazônia Ocidental. Para isso, faremos uso dos estudos desenvolvidos por André Musskopf sobre Teologia Gay e Murilo Araújo em diversidades sexuais e de gênero e religiões cristãs, em especial católicas, bem como do contexto de “queer caboclo” desenvolvido por Estevão Fernandes e Fabiano Gontijo.

Produzir a partir e sobre pessoas “desviadas” nesta região é compreender que, em razão do seu processo colonial religioso, as articulações de fé eurocristãs possuem um enorme impacto na construção cultural e subjetiva dos indivíduos, regendo não só o espaço privado de fé, mais o espaço público de políticas. Destarte, não é possível falar sobre a margem, sem centralizá-la no debate.

## 2 | A NEUTRALIDADE QUE NÃO NOS CABE!

Ao selecionar as técnicas procedimentais para constituir a investigação desta pesquisa, não pude abrir mão de situar o corpo que pesquisa, cada vez mais, às epistemologias subalternas, denunciam o mito da neutralidade científica, não posicionar o pesquisador diante da pesquisa, não é garantir uma isenção, mas uma pseudo imparcialidade, a qual na prática, é inexistente, a própria escolha de procedimentos metodológicos lançados para a realização da pesquisa, representa parte da existência do pesquisador.

Assim, ao escolher utilizar da autoetnografia nesta pesquisa, o que pretendo é me distanciar cada vez mais do que Haraway (2009, p. 19) denomina de truque de deus, que nada mais é, que a constituição de saberes, a partir de um lugar mítico, no qual como um deus, o agente da pesquisa está em lugar nenhum, e a partir deste ambiente inexistente, ele pode formular livremente teorias sem contaminá-las com sua existência.

Destaco ainda, que na própria formulação de suas pedagogias, Paulo Freire, questiona, e posiciona a neutralidade nos contextos da educação (não apenas formal, sendo possível portanto incluir neste contexto a pesquisa e produção de conhecimentos) como um mito:

O mito da neutralidade da educação, que leva à negação da natureza política do processo educativo e a tomá-lo como um quefazer puro, em que nos engajamos a serviço da humanidade entendida como uma abstração, é o ponto de partida para compreendermos as diferenças fundamentais entre uma prática ingênua, uma prática astuta e outra crítica. (FREIRE, 2011, p. 34)

Ao lançar mão da autoetnografia para compor o processo de investigação para a formulação de sua tese doutoral, Santos (2011, p. 221), explica que:

(...) a autoetnografia é um método de pesquisa que: a) usa a experiência pessoal de um pesquisador para descrever e criticar as crenças culturais, práticas e experiências; b) reconhece e valoriza as relações de um pesquisador com os “outros” (sujeitos da pesquisa) e c) visa a uma profunda e cuidadosa autorreflexão, entendida aqui como reflexividade, para citar e interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro.

E assim, como Santos, faço esta justificativa inicial na pesquisa, para que fique nítido que a pesquisa segue os parâmetros éticos científicos, assim como, respeita as regras procedimentais das técnicas utilizadas, e o corpo que a faz também se posiciona e dialoga a partir da margem, não sendo isso inclusive um impedimento histórico, para outros corpos, que escreveram a partir da suposta neutralidade, por serem o universal (pessoas brancas e heterocis) e tiveram suas teorias validadas, inclusive sendo este local, o qual representa a maioria das teologias recepcionadas no movimento religioso cristão brasileiro.

### **3 | TEOLOGIAS DO ARMÁRIO: REGRANDO AFETOS, DESEJOS E CORPOS**

Essa pesquisa surge, justamente, dos atravessamentos que meu corpo sofre enquanto sujeito, negro, LGBTQIAP+ e cristão, em diálogo com meu orientador, percebemos a necessidade de construir narrativas que sejam feitas pelos sujeitos amazônidos, e dissidentes, na perspectiva do que nós temos a dizer sobre nós, e não os que historicamente nos constituíram, nos termos utilizado por Fernandes e Gontijo (2017, p.18) a partir de um manifesto queer caboclo, produzir epistemopolíticas contra-reprodutivas. Pensando inclusive no que nos evidencia Musskopf (2005, p. 2) “A vida à meia luz é cheia de possibilidades e dilemas. Se esta realidade marca a experiência de pessoas não-heterossexuais, ela também marca a sua reflexão e o seu discurso teológico”.

O primeiro desafio para a formulação da pesquisa foi encontrar pessoas LGBTQIAP+ que tivessem tido contato direto, ou seja, professado a fé cristã, no estado de Rondônia, e que desejassem dialogar sobre suas experiências com esses espaços tanto no âmbito público, quanto privado. Apesar de ser fácil encontrar pessoas na amazônia que tenham tido contato com a fé cristã, em sua grande maioria as memórias para esses sujeitos são dolorosas. Como relata a Participante E: “Aqui no Brasil, em especial em Rondônia, o

contato com igrejas cristãs é desde que nasce né, a gente já nasce sendo batizada ali na igreja católica e tudo mais (risos de ironia)” não apenas ela como os demais entrevistados tiveram seu contato com os templos religiosos cristãos ainda na infância.

Logo, o desafio da pesquisa, foi encontrar sujeitos que quisessem conversar sobre suas experiências no processo de interação com as igrejas, pois veem nesses espaços um lugar de opressão, onde estão a todo momento cercados e coagidos a censurar seus corpos e afetividades que são julgados como “errados” e pecaminosos (ARAÚJO, 2011, p. 13; FREIRE, 2020, p. 92), essa informação era inclusive visível nas negativas de alguns convites para compor a pesquisa, e tornou-se ainda mais evidente no relato que segue:

Essa questão da igreja e da minha família, foi o que me chutou para terapia, eu estava no 8º período da faculdade, já tava me preocupando com a OAB e o TCC, e aí ainda tinha isso, nessa época eu comecei a fumar, e tava mandando um cigarrinho atrás do outro, o alçapão do fundo do poço, foi mandar uns três palheiros de boinha, como se não fosse nada, e aí eu percebi que algo não estava certo e fui para terapia. Porque eu sempre tive um peso, que eu não sei se é comum, de querer morrer para me livrar desse peso, não de me matar, mas de morrer mesmo para me livrar do peso de estar na igreja, de ter esse fardo em cima de mim, tanto que eu já cheguei a orar pedindo para Deus me levar, várias vezes, e caralho, é muito pesado você ser uma criança e ter que experimentar esse dissabor, essa preocupação desnecessária, porque antes dos meus 8/9 anos, eu já tinha esse pensamento, de ‘nossa nada vai mudar, eu não vou me curar, eu não vou deixar de ser um viadinho’ e aí isso foi uma bola de neve, e aí chega uma hora que você para de cogitar e começa a agir, e eu fui para análise, eu fiz terapia por mais de uma ano, e a Igreja em si, foi o que me levou pra terapia. (Participante G)

Não é que esses indivíduos não queriam falar, é que para eles (as/us) nunca foi dada a opção de se posicionar sobre sua fé e agora o ato de dizer em primeira pessoa o que pensam sobre si e sobre as igrejas, parece doloroso demais, como escreve Sedgwick (2016, p. 39) “Viver no armário, e então sair dele, nunca são questões puramente herméticas. As geografias pessoais e políticas são, antes, as mais imponderáveis e convulsivas do segredo aberto”.

Para compreender esse fenômeno, que também representa um dado que não pode ser descartado, basta que comparemos com um sujeito que tenha passado mais de 18 anos sem usar suas cordas vocais, e um dia, aleatoriamente, ele descobre que pode falar, porém, emitir sons para ele, será doloroso, porque ele nunca exercitou o ato de comunicar. Assim, é a relação de muitas pessoas LGBTQIAP+ e os templos de fé cristã em Rondônia e no Brasil. Deste modo, a teologia do corpo, devolve a esses indivíduos o direito de falar, devolvendo a voz a quem foi objetificado, e deixando-os assumir o centro das narrativas de sua história (MUSSKOPF, 2005, p. 14).

Esse sentimento de temer o direito de falar, parte justamente do quanto nós ouvimos o que eles (igrejas cristãs) tinham a dizer sobre a gente, eles que eram e são tidos como representantes da divindade na terra, os únicos porta-vozes possíveis da fé, e enunciam em alto e bom-tom que nossos corpos, afetos e desejos são a pura manifestação do mal, e deve ser repudiada.

Esses representantes de “Deus”, assumem historicamente um papel de intercessor, como se esses sujeitos representassem a conexão possível com o céu, e, são por vezes vistos como uma espécie de subdivindade, a qual não pode ser questionada, nem acusada de construir teologias que também perpassam pela lógica de seus corpos e seus desejos.

Na adolescência eu não conseguia entender porque achavam tão errado, ser LGBT, e isso virava até questões pra mim mesmo, porque eu ficava assim “cara como assim eu posso duvidar, tá na bíblia, e olha só, o pastor está falando” (a participante deu uma ênfase em pastor), mas eu não conseguia ver o porque Deus abominar pessoas LGBTs, porque essa condenação pra mim não fazia muito sentido, então eu não conseguia olhar com o mesmos olhos do que o que as pessoas falavam, de ser errado. E aí eu caía sempre nessas dúvidas nesses momentos. (Participante E)

Apesar, de bíblicamente o véu já ter se rasgado (Bíblia *in*: Mt, 27,51) pastores, padres, bispos e qualquer outro nome dado para representar um poder eclesial, seguem se firmando como a única voz possível de acesso à fé, o que faz com que as teologias que constroem não sejam marcadas por corpos e relações sociais. Todavia, o primeiro passo para a construção de teologias do corpo (teologias negras, feministas, anticapitalistas, queers, gays, viadas e etc..) é nomear que os métodos hermenêuticos de interpretação da fé que esses sujeitos fazem, também perpassam por seus corpos e pelos seus desejos de manutenção de poder. Assim, essas teologias, devem ser nomeadas de teologias brancas, heterocis-centradas, masculinas e classistas, pois elas também partem de uma realidade, a realidade do armário, que definem e regulam as sexualidades de pessoas LGBTQIAP+ (SEDGWICK, 2016, p.26).

As igrejas do armário, pensando o conceito de armário a partir de Sedgwick (2016) sempre disseram sobre nossas identidades e sexualidades, com o intuito de nos castrar afetiva e sexualmente, o que inclusive moldou nossa autopercepção enquanto sujeitos, porque historicamente os textos bíblicos foram usados para a manutenção de uma moral rígida da sexualidade e corpos (MUSSKOPF, 2005, p. 6).

Quando eu comecei a perceber que eu sentia atração por mulheres, eu fiquei muito nervosa, aí eu fui pesquisa na internet né, que tinha ser em lan house, então eu pegava fichas de um real, que durava uma hora e ia pesquisar sobre, porque isso mexia comigo, porque eu queria saber o que isso era, eu ficava ouvindo que era pecado, abominação e taus. Tanto que quando eu comecei a me descobrir eu pensei em entrar no convento e virar freira, porque eu

não queria ir pro inferno (nesse momento a participante fez uma pausa para chorar), porque como eu tinha muita fé em Deus, eu não queria pecar. A parte que foi mais pesada pra mim foi na religião, porque eu tenho muita fé em Deus, e hoje em dia eu tenho outro olhar pras igrejas, e até pra Deus também, porque as igrejas elas pregam medo né, elas querem que você tenha medo para voltar né, e eu percebi que Deus não é assim como essas pessoas pregam no altar, Deus é bondoso, não é castigador, não tem por que ele me castigar por amar. (Participante D)

As falas da igreja sobre os sujeitos LGBTQIAP+, forçam a manutenção de um armário social, que não limita apenas às experiências de fé desses sujeitos, mas a coletiva também, criam marcas em sua subjetividade, que vai desde a impossibilidade de vivenciar uma espiritualidade ativa, até o ponto de fazê-los crer, que não serão capazes de vivenciar o amor, pois o único ser possível de amá-los é Deus, e nem Ele pode amá-los, por serem pecaminosos. Esses sentimentos os fazem por vezes lutar ferozmente contra sua identidade/sexualidade (MUSSKOPF, 2005,16).

Uma questão que é essencial para percebermos a construção de uma teologia (des)viada, a interseccionalidade, conceito cunhado pela estadunidense Kimberlé Crenshaw, que nos impulsiona a analisar a realidade concreta a partir de diversas intersecções, assim, pensar uma teologia do corpo, que venha trazer vozes a pessoas LGBTQIAP+, precisa perpassar por flexionar debates de gênero, racialidade, etnicidade, classe, capacitismo e outros polos de opressão que compõem os eixos norteadores da vida na Amazônia brasileira (CRENSHAW, 2004).

Interseccionalizar o debate é inclusive um dos pilares dos quais me faz reinventar um nome para esse processo teológico, uma vez que não enxergo no contexto amazônico brasileiro o termo queer, com um potencial representacional e de construir a confusão necessária frente às teologias do armário e tampouco acredito que nomear de teologias gays, conseguiria evidenciar a multiplicidade de corpos, desejos e afetos, que compõem essa camada teológica que está em processo de construção no Brasil e na Amazônia. Enquanto comunidade LGBTQIAP+, não nos resta mais possibilidade de mantermos a centralidade do debate evidenciada pelas (os) gays, ou o debate é interseccionalizado, ou não haverá espaço para a vida.

O nosso movimento LGBTQI+ é um movimento frutinha, sabe quem é o hot em toda questão? é as mulheres com o feminismo, porque se não fosse por elas não estaríamos onde estamos. Por exemplo, hoje na minha igreja você ordena mulher, gay, lésbica, trans, qualquer pessoa, e você casa, homem com homem, mulher com mulher, sem nenhum problema, aí você fala, nossa parabéns isso aí é fruto da bandeira LGBTQIA+, não é, não é fruto da bandeira do arco-íris, isso é fruto de a 30 anos atrás a igreja ter ordenado aqui no Brasil a primeira mulher reverenda, e ela sofreu muito com isso sabe, então eu acho que se a gente for olhar, as conquistas das mulheres foram muito mais difíceis que as nossas sabe, e as vezes a gente se vangloria de um discurso

de conquista que não é o nosso, que é das mulheres, e eu acho que se a gente começar a reconhecer esse papel, a gente se dá mais poder enquanto comunidade LGBTQIA+, na medida em que eu me reconheço como homem gay cisgênero, e eu só consigo me identificar assim graças a mulher, e eu acho que isso aí nos empodera, a medida que a gente reconhece o poder delas. (Participante B)

Disputar as narrativas da fé cristã em Rondônia é essencial não apenas para pessoas LGBTQIAP+ que estejam diretamente inseridas nesse contexto, mas também para aquelas que optam por não professar fé alguma, ou outra fé, pois os ritos do cristianismo no norte do Brasil regram a vida não apenas de quem acredita e segue tais dogmas, mas inclusive invade o ambiente público, como menciona o Participante A:

A religiosidade cristã interfere diretamente na formação de pessoas LGBTs no estado de Rondônia, na questão dos diálogos sobre, em falar sobre, em não demonizar as questões, e isso não apenas se for uma pessoa cristã, mas se você for de outro modelo de fé também, porque a nossa sociedade é uma religiosa cristã, em Rondônia toda esquina tem uma igreja, então mesmo que a pessoa não seja um membro de uma comunidade de fé, ela vai sofrer interferência.

O participante B, trouxe durante a conversa um dado que é vital para entender a relação de rompimento entre a divisão de privado e público no âmbito das experiências de fé cristã em Rondônia:

A gente tem que primeiro entender, que a maioria da população do estado é Católica Apostólica Romana, sempre tem de lembrar isso. Mas Rondônia é o estado que proporcionalmente tem a maior quantidade evangélica do país. E isso aí a gente vê no nosso estado como é que é, é um estado que não valoriza a cultura, não valoriza as artes, não valoriza a leitura, e o que é cultura para esse povo? [...]. Politicamente um estado extremamente corrupto, que utiliza o discurso religioso para passar essa cara de coisa boa, quando na realidade não é, ou seja, nós aqui em Rondônia já temos a um bom tempo um laboratório do que o Brasil queria ser, e é hoje, e nós já tínhamos uma maioria de evangélicos mandando na política, na cultura, nas artes.

Quando a fé que deveria ser privada, invade o ambiente público o que vivenciamos é a censura de direitos de pessoas LGBTs, como prova disso, temos o Projeto de Lei nº 845/2017, que institui o Conselho Estadual de Políticas Públicas LGBT de Rondônia, que entrou em debate no ano de 2018 na Assembleia Legislativa do Estado - ALERO. Por meio da articulação política dos movimentos LGBTs do estado, o projeto de lei foi aprovado em uma sessão da ALERO em que as representações do movimento cristão (altamente expressivo na assembleia legislativa) não estavam presentes. Como demonstração de força e medida de retaliação as igrejas protestantes, pentecostais, neopentecostais e alas mais fundamentalistas da Igreja católica, apesar de não apoiada pela Arcebispo da

época, se articularam e pressionaram ao governador para que não sancionasse a Lei e aos deputados para que voltassem atrás na pauta já votada.

Pressionado pela articulação das igrejas cristãs e pelo movimento LGBT do estado, o governador que há época fazia parte de um partido de centro-esquerda, optou por se manter inerte e deixar que ocorresse a sanção tácita do projeto de lei, que seria então devolvido a ALERO, para ser assinado pelo Presidente da Assembleia, todavia tal sanção não ocorreu, pelo contrário em uma articulação antijurídica revogaram a sessão que aprovou a PL, em uma sessão quase clandestina, em que não estava em pauta o projeto, a mesma foi inserida e votada, com a ausência da comunidade LGBTQIAP+ e a presença em peso das igrejas, que inclusive haviam fretado ônibus para comparecer com seus fiéis.

Assim, as portas que separam o público e o privado são arrombadas e a fé que deveria ser de íntima espiritualidade assumem os corredores da política, do judiciário, que se manteve silente a época, e em um sistema de exclusão. E com essa invasão das teologias do armário no espaço público as LGBTQIAP+ que raramente crescem sendo acolhidas no espaço familiar, que são altamente expostas a LGBTQIAfobia, se veem desoladas, e se descobrem a partir do Outro (o cishétero) como um ser inferior, que só construirá fragmentos de dignidade a partir dos restos deixados pela sociedade e com muita dificuldade (SEDGWICK, 2016, p.40) e até direitos básicos como educação, saúde, moradia e alimento, torna-se o processo diário de resistência e sobrevivência.

## **4 | VOCÊS TÊM MUITO QUE NOS AGRADECER**

Murilo Araújo, tem uma análise da participação de pessoas LGBTQIAP+ como vitais para a construção do poder das igrejas cristãs no contexto do Brasil, e tal condição vital também foi evidenciada nesta pesquisa, quando percebo através dos diálogos com os participantes, que todos desempenharam por um dado tempo, em seus templos de fé, funções essenciais para a manutenção da igreja.

O meu tio, falou uma frase muito marcante, que eu sempre carreguei comigo e nunca tinha tido uma oportunidade de lançar, aleluia, e agora vou aproveitar para colocar para fora, meu tio disse ‘que todos esses regentes meninos que estavam a frente de jovens, grupo de louvor, grupo de teatro ou grupo de coreografia, pode ter certeza que é uma bichinha encubada” e eu me senti muito mal na época, porque eu estava justamente nesse lugar, e hoje eu percebo que a maioria das pessoas LGBTs que estão na igreja, sempre estão em algum lugar de destaque, ou estão na liderança, ou estão na regência, ou estão brilhando na coreografia, ou no louvor, porque existem muitos meninos que tornam-se discretos justamente por causa desse pensamento. (Participante C)

Eu estava na igreja desde da infância né, então assim, minhas amigadas eram da igreja, minhas influências todas estavam ali sabe, meio que você se fecha

ali, e acho que é até difícil por isso para você se reconhecer, se perceber também LGBT, porque você se fecha naquela bolha, a ter que escutar só música gospel, a ter que ministrar, a ser um exemplo né, até a vestimenta, entre outras coisas. E na igreja eu fui professora das crianças e de EBD e também fui ministra de louvor, e por isso que eu também tenho muita saudade, meu amor por a música surgir na igreja, eu cantava na igreja, estudei música na igreja, estudei teatro na igreja. (Participante E)

Eu tinha uma amiga na época do ensino médio, que ela também era da igreja, e a gente foi ficando próximo nessa época, porque ela também era muito da igreja, e a gente ia juntas pra igreja todo dia, no período das férias por exemplo, a gente ia pra missa todo dia. A minha avó é das hostiarias, que são as responsáveis pela limpeza e cuidado do espaço, ela é inclusive a responsável por todas as comunidades aqui de Porto Velho, então ao longo do meu crescimento eu sempre “acompanhei ela” na atividades, então eu sempre estive nesse lugar de limpeza e de servir, e depois eu comecei a tocar, e entrei para os salmistas. (Participante F)

Aprofundando esse pensamento a autora Nash (apud MUSSKOPF, 2005, p.7) evidência em seus estudos que, apesar de até o início dos anos de 1960 não se ter conhecimento de publicações relacionadas a teologias que questionassem a corporalidade e a territorialidade, como teologias negra, feminista, da libertação latino-americana, asiáticas, e outras, não implica em dizer que esses sujeitos não estavam em contato com a manifestação de sua fé e entendimento do sagrado em suas vidas, ou que não estavam produzindo, apenas demonstra que eles(as/us) estavam silenciados(as/us) ao ponto de terem afequenadas e apagadas suas representações sobre os dogmas e o sagrado, não restam dúvidas de que homens gays, mulheres lésbicas, pessoas trans e bissexuais, estão produzindo teologias que perpassam por seus corpos, afetos, desejos e mentes, desde a fundação do cristianismo<sup>2</sup>, todavia, pelas regras do patriarcado eclesial, esses corpos foram e são censurados em grandes armários silenciosos e escuros.

Pensar como nós sempre estivemos na ministração do louvor, no teatro, na liderança, na limpeza da igreja, no ensinamento, em vários cargos distintos ajudando o desenvolvimento dos templos de fé, me faz pensar o quanto nossa mão de obra é boa para esses espaços, quão significativo são nossos corpos para manter o poder, desde que mantidos sobre as regras “básicas” de convivência clandestina pelos lados de dentro do armário, pois quando se abre, ainda que uma pequena fresta, já são expulsos, para que ajustem suas condutas e sirvam como exemplo para insurgências que possam desarticular o conforto da submissão para fazer parte, congregar, manifestar sua fé.

Quando a gente entra nessa questão da igreja, aí a gente começa a falar da minha adolescência, quando estou decidindo sair do seminário, o meu orientador me disse, 'que bom meu filho que você tomou essa decisão,

---

2. Vale ressaltar, que a utilização dos termos, gays, lésbicas, bissexuais e trans nesse contexto é quanto à representação das sexualidades e identidades, e não como categorias. Tal destaque é necessário para o não prévio julgamento de anacronismo histórico.

porque se você não tivesse tomado, nos seríamos obrigados a tomá-la por você' e isso aí me marcou, mas eu fiquei em dúvida se isso seria pela minha sexualidade ou por eu ser muito contestador em diferentes aspectos. Agora uma coisa que me marcou muito, foi dois colegas que foram expulsos do seminário, porque eles transaram no seminário, fizeram sexo, é, masturbação um no outro, e aí os padres ficaram sabendo, os seminaristas ficaram sabendo, e eles foram expulsos por conta disso, e isso me marcou muito, porque os dois eram pessoas que tinham uma religiosidade muito forte. Veja, o fato de eles se masturbarem um ao outro não me marcou, mas o que me marcou foi eles terem sido expulsos do seminário por terem feito isso, sendo que eram pessoas bem religiosas, isso é uma coisa que eu trago na minha memória. (Participante B)

Os relatos dos participantes B e C, me trouxeram a memória um caso que aconteceu na igreja em que eu frequentava na adolescência, que foi quando um pastor disse em uma reunião de lideranças que uma pessoa não poderia subir ao púlpito, por ser “um lugar sagrado”, essa mensagem foi especialmente direcionada a liderança dos “novos convertidos”<sup>3</sup>, para falar especificamente sobre um jovem “ex-gay”, porque nas palavras do pastor “não podemos correr o risco dessas pessoas no púlpito da igreja, não é que eu esteja desconfiando da fé dele, é que não pode uma coisa dessa”. Essa coisa ao qual o pastor se referia era o rompimento com as teologias do armário, é a percepção de que o véu foi estourado e que gays, lésbicas, transsexuais, travestis, bissexuais e todas as demais expressões podem diretamente se conectar com a divindade.

O participante G, enquanto falava sobre seu envolvimento na igreja, trouxe ao centro outra reflexão:

Amor eu era líder das crianças, fui líder por alguns anos seguidos, então eu era muito ativo, eu estava sempre a frente de diretorias, organizando eventos, aí eu fui envelhecendo, fazendo teatro, e tudo que eu fazia era meio que uma desculpa, para querer compensar, como se 'aí meu Deus, eu sou viado, então eu tenho que fazer alguma coisa para ninguém descobrir que eu sou viado, e se descobrirem falarem, ah mais pelo menos ele fez isso, isso e isso' e aí aos poucos eu fui largando, mas até os meus 17 anos eu estava ou em cargo de liderança ou diretoria. (Participante G)

Refletir sobre sua fala, me faz inclusive questionar, quantos de nós não trabalhamos altas horas nos serviços essenciais da igreja, com uma parcela de culpa, ou com o desejo de libertação, porque a nós, foi pregado constantemente que se tomássemos a decisão e se tivéssemos fé suficiente seríamos libertos.

Em algumas vertentes do cristianismo, como o catolicismo, tem se tornado cada vez mais comum discursos como o explicitado pela Participante F, do tipo “você pode ser, mas não pode exercer”, o que pode ser entendido por Natividade e Oliveira (2009, p. 129)

---

3. Grupo responsável pelo acolhimento e acompanhamento das pessoas que haviam entrado na igreja há menos de 5 anos.

como homofobia cordial, essa modalidade de uma falsa inclusão, em que supostamente o indivíduo é recebido no espaço, todavia, está em posição assimétrica aos sujeitos heterocis-centrados, sempre em uma perspectiva de pseudo acolhimento e ajuda de pessoas que estão LGBTQIAP+. A homofobia cordial não deixa de categorizar a sexualidade desses sujeitos como opcional ou possível de ser curada.

Murilo Araújo (2011, p. 10), escreve sobre essa abordagem de evidente homofobia cordial, dentro dos parâmetros da igreja Católica:

Na maior parte dos textos, há uma distinção entre “inclinação homossexual” e “atos homossexuais”. Segundo as orientações, nenhuma das duas é passível de qualquer tipo de aprovação, mas a “inclinação” homossexual é tida apenas como uma anomalia “intrinsecamente desordenada”, não um pecado: os que sofrem desta anomalia não devem ser pessoalmente responsabilizados. Por outro lado, também se orienta que “aqueles que se encontram em tal condição deveriam, portanto, ser objeto de uma particular solicitude pastoral, para não serem levados a crer que a realização concreta de tal tendência nas relações homossexuais seja uma opção moralmente aceitável”, na carta aos bispos, de 1986. De forma mais explícita, o documento de 2003 afirma que os atos homossexuais são pecados graves, que atentam contra a castidade.

Percebe-se que apesar das discrepâncias de entendimento doutrinário e dogmático, entre as igrejas protestantes, pentecostais, neopentecostais e católicas, todas se unem em uma grande ciranda de perseguição a dissidentes e manutenção do grande armário da sociedade brasileira.

## **5 | CAIXÃO E VELAS PRETAS À TODAS AS IGREJAS DE ARMÁRIOS DO BRASIL: NOSSOS CORPOS SERÃO LIVRES!**

Ao fim da entrevista com o Participante F, perguntei se ele teria alguma coisa a mais a acrescentar ou algo que gostaria de dizer as igrejas cristãs, e sua resposta foi em tom de brincadeira “caixão e velas pretas para todas as igrejas do Brasil”, essa fala mesmo que em tom meramente figurativo e irônico, é essencial para abertura do último tópico deste artigo.

Devolver às igrejas dos armários, os caixões e as velas que utilizaram para fazer o nosso velório, para enterrar nossa sexualidade, corpo e fé, é a melhor devolução possível e um processo irremediável para construir uma teologia (des)viada. Trata-se, portanto, mais de um giro epistemopolítico que se pretende radical e radicalizador, que não pretende assumir compromisso algum com os processos de aceitação e inclusão, mas sim, com a transgressão para a subversão, bebendo das fontes do manifesto queer caboclo (FERNANDES e GONTIJO, 2017, p. 19).

Quando questionados sobre voltar aos espaços de fé, a resposta dos 7 participantes, foi unânime no ponto de ver com afeto ou saudosismo parte das experiências nos coletivos

de fé, porém, simultaneamente, evidenciaram a repulsa por todas as dores que esses espaços lhe causaram.

Hoje eu não tenho mais fé ou espiritualidade, porque hoje eu tenho um pouco de **rancor**, sabe, porque eu vejo que muitos dos meus problemas comigo mesma talvez advenham daí. Então assim, hoje eu não vejo a Cristandade como um caminho para a espiritualidade, pelo menos para mim não é algo que eu consiga seguir. Pra mim hoje, eu me vejo como uma pessoa atéia, e tenho pouca espiritualidade, hoje eu tenho muito é um pouco de revolta talvez. Não tenho vontade de voltar, porque sei que eu lá não sou bem vista, se eu for com minha mulher hoje lá, nós seremos olhadas de canto, seremos julgadas, e estaremos naquele lugar de que talvez não sejamos bem vindas. (Participante F)

O sentimento de rancor da Participante F, evidencia a dor que nos foi implantada no processo de autopercepção e aceitação, a partir da relação com os templos da religiosidade cristã, além de sabermos que não seremos bem-vindos nesses espaços. O que contraria inclusive a própria fala de Jesus Cristo (Bíblia *in*: Mt, 11,28) “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”.

Assumir as nossas sexualidades, afetos, identidades e fé, em um sincronismo único é também um ato revolucionário, de contra-atacar os argumentos feitos pelas teologias do armário, porque enquanto nos negam a possibilidade de fé, também nos negam direitos civis básicos, me dizer bixa cristã, assumir a posição de teologias desviadas e de viados, é causar um estranhamento necessário, é zombar das regras moldadas pelo patriarcado eclesial, é confrontar as epistemes tradicionais da teologia, que ainda não pararam para ouvir o que temos a dizer, por não acreditarem que nossas expressões de fé sejam coesas e articuladas (MUSSKOPF, 2005, p. 11; FREIRE, 2020, p. 97).

Minha fé, se fortalece justamente por essa relação que eu carrego com o divino, porque mesmo quando eu me sentia errado, pelo jugo dos outros, eu não me sentia distante, e inclusive eu acredito que a minha fé ela se fortalece à medida que eu me conheço, que eu amo meu próximo, e que esse próximo me revela o que o divino nunca conseguiu me revelar, porque é assim mesmo né, a gente nunca viu Deus, a gente nunca viu Jesus na literalidade, aqui em frente né, mas já as nossas relações com as pessoas podem nos revelar parte de tudo que Ele é. (Participante C)

As teologias do corpo, perpassam justamente pela conexão feita pelo Participante C, reconhecendo que o divino, e a espiritualidade também estão diretamente conectadas com nossas relações internas e externas. Perceber essas narrativas, me fazer recordar que grande parte da minha infância e adolescência vivenciei, me sentindo incompleto, por tentar censurar meus desejos e afetos, quando decidi aceitá-los, optei por silenciar a espiritualidade pela carga de culpa que o armário me impunha, e novamente me senti vazio, só quando percebi que não precisava negar nenhuma parte do que sou, que pude

viver completo, por isso, me percebo bicha ao me perceber cristão, e percebo Cristo nas relações de afeto e respeito com o Outro, igual ou diferente de mim.

## **6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU OUTROS CAMINHOS PARA SE PENSAR UMA TEOLOGIA (DES)VIADA**

Até aqui, chego à necessidade de radicalizar os debates teológicos dissidentes no contexto amazônico, implicando, na utilização de outro termo para além do queer, por não ser ele capaz de cumprir o efeito que as próprias teorias queers estadunidenses se propõem, qual seja, ser um instrumento de zombaria da norma. Tal termo, no contexto brasileiro já é complexo para cumprir seu efeito principal, quando contextualizado na região amazônica em que um número maior de sujeitos não possui acesso a língua inglesa, o termo perde seu potencial.

Apesar, do termo gay ter um grande potencial de zombar com a norma quando dito como teologia gay, o mesmo não é por si só capaz de aglutinar as multiplicidades de corporalidades que compõem a sigla LGBTQIAP+, e tampouco é agradável correremos o risco de retornarmos ao tempo da visibilidade única no movimento, em que a sigla iniciava com G e terminava com G (movimento GGG). Assim, como proposta, trago o termo (des)viado, por evidenciar o local dito para os corpos dissidentes e zombar da categoria viado, que é utilizada pela heterossexualidade para descrever tanto homens gays, mulheres lésbicas, como pessoas trans/travestis e bissexuais na Amazônia Sul Ocidental, e por fim, acredito que tal termo, pode ainda cumprir seu papel de escandalizar o armário, ao ser nomeado como Teologias (DES)viadas.

Por fim, percebo em nosso contexto, a urgência de se construir hermenêuticas que não estejam compromissadas com o patriarcado e tampouco preocupadas em justificar nossos corpos, pois esse é o único caminho possível para libertar as futuras gerações de pessoas LGBTQIAP+, para realizar o sonho da “insurgente” Linn da Quebrada, de que um dia os pais possam olhar e ter orgulho em dizer “minha filha é uma travesti”, “meu filho é uma bichinha”, “minha filha é uma sapatão”, rompendo com a vergonha e repulsa que a religiosidade criou sobre os nossos corpos, nesse dia, estaremos todas nós, não de preto, mas coloridas em todas as cores possíveis do arco-íris, levando em nossas mãos flores e velas pretas, para o velório das teologias do armário.

Mas até que esse dia chegue, todos os teóricos queers, comprometido com a crítica social, possuem a tarefa revolucionária e desafiadora de tensionar as estruturas da sociedade, e dentre elas a teológica, questionando os borrões do público e do privado, impostos pelo patriarcado religioso, de modo que no fim, os sujeitos sejam livres e múltiplos.

O a(fé)to cura, transforma e liberta das amarras do sistema cis-hétero-patriarcal.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Murilo Silva de; CALEIRO, Maurício de Medeiros. A FÉ E OS AFETOS: Diversidade Sexual, Catolicismo e Protestantismo em sites de grupos cristão inclusivos In: **XVI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**, 2011, São Paulo. Anais do XVI Congresso de Comunicação da Região Sudeste. São Paulo: Intercom, 2011.
- BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.
- CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV. AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília, DF: UNIFEM. 2004
- FERNANDES, Estevão Rafael; GONTIJO, Fabiano de Souza. DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO E NOVOS DESCENTRAMENTOS: UM MANIFESTO QUEER CABOCLO. **Amazônica - Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 14-22, jul. 2017. ISSN 2176-0675. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/4722>>. Acesso em: 07 jun. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v8i1.4722>.
- FREIRE, Ana Ester Pádua. PERVERSÃO TEOLÓGICA: notas sobre a Teologia Indecente de Marcella Althaus-Reid. **Periódicus: Revista de estudos indisciplinares em gêneros e sexualidades** Publicação periódica vinculada ao Núcleo de Pesquisa NuCuS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, BA, v. 1, ed. 14, nov 2020. ISSN: 2358-0844. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/37042/24026>. Acesso em: 30 maio 2021.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. ed. 51 - São Paulo: Cortez, 2011.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- MUSSKOPF, André Sidnei. À MEIA LUZ: a emergência de uma teologia gay: Seus dilemas e possibilidades. **Cadernos IHU Ideias**. São Leopoldo, ano 3, n. 32, p 01-34, 2005.
- NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**. n. 2, pp.121-161, 2009.
- SANTOS, S. M. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural - Revista de Ciências Sociais**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 30 ago. 2017.
- SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 28, p. 19–54, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso em: 29 maio. 2021